

Sexualidade e Relação de Gênero

2

Denise Pereira
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Denise Pereira
(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S518 Sexualidade e relações de gênero 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 2)

Formato: PDF

Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-049-0

DOI 10.22533/at.ed.490191601

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Pereira, Denise.
II. Título. III. Série.

CDD 306.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

DOI O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Cada vez mais a academia está avançando em pesquisas sobre Sexualidade e Relação de Gênero. No século XXI, a sexualidade é compreendida como algo fluído, que muda ao longo de toda uma vida, é pessoal/individual, cada um com a sua, não há certo ou errado, havendo possibilidades e é paradoxal, ou seja, é sempre diferente da sexualidade dos outros, sendo o traço mais íntimo do ser humano, manifestando-se diferentemente em cada indivíduo, de acordo com as novas realidades e as experiências vividas culturalmente.

E a relação de gênero refere-se às afinidades sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais. Que segundo Scott, devemos compreender que “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres.

O conceito de gênero que enfatizamos neste livro está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo, um movimento social organizado, usualmente remetido ao século XIX e que propõe a igualdade nas relações entre mulheres e homens através da mudança de valores, de atitudes e comportamentos humanos.

Neste livro são apresentadas várias abordagens sobre “Sexualidade e Relação de Gênero”, tais como: discussões de conceitos; modo de vida, violência, direitos, Lei Maria da Penha, homoparentalidade, emancipação feminina, transexuais, homossexuais, sexualidade infantil, sexualidade masculina, mulheres no cinema e no futebol, entre diversos outros assuntos.

Boa leitura
Denise Pereira

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 8 |
| SEXUALIDADES E GÊNEROS NA ESCOLA: DE QUAIS SENTIDOS SE APROPRIA A PRÁTICA PEDAGÓGICA? | |
| Denise da Silva Braga | |
| DOI 10.22533/at.ed.4901916011 | |
| CAPÍTULO 2 | 18 |
| TORPEDO: UM MODELO DE RESISTÊNCIA LÉSBICA NA ESCOLA | |
| Maria da Conceição Carvalho Dantas | |
| Denise Bastos de Araújo | |
| DOI 10.22533/at.ed.4901916012 | |
| CAPÍTULO 3 | 27 |
| PERCEPÇÕES DE GRADUANDAS DE ENFERMAGEM SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER SOFRIDA NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO | |
| Michelle Araújo Moreira | |
| Thaís Borges Gally | |
| DOI 10.22533/at.ed.4901916013 | |
| CAPÍTULO 4 | 43 |
| INCURSÕES E INTERDITOS SOBRE AS SEXUALIDADES, IDENTIDADES E AS QUESTÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA | |
| Karine Nascimento Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.4901916014 | |
| CAPÍTULO 5 | 58 |
| HOMOPARENTALIDADE: O QUE A ESCOLA TEM DITO? | |
| André Luiz dos Santos Barbosa | |
| Rejane Cristina Lages Rocha. | |
| DOI 10.22533/at.ed.4901916015 | |
| CAPÍTULO 6 | 73 |
| CULTURA UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: SITUANDO AS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE | |
| Luciano Rodrigues dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.4901916016 | |
| CAPÍTULO 7 | 89 |
| ASSESSORIA TERRITORIAL DE GÊNERO: ENCONTROS TERRITORIAIS E ESTADUAL DE MULHERES RURAIS DOS COLEGIADOS DE PERNAMBUCO | |
| Gáudia Maria Costa Leite Pereira | |
| Xenusa Pereira Nunes | |
| Victor Pereira de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.4901916017 | |
| CAPÍTULO 8 | 99 |
| A ESCOLA COMO EXPRESSÃO DA DIVERSIDADE: OBSERVANDO FRONTEIRAS ENTRE GÊNEROS, IDENTIDADES E ALTERIDADES. | |
| Pollyanna Rezende Campos | |
| Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 9 | 107 |
| A SOLIDÃO DOS/AS DOCENTES HOMOSSEXUAIS: NARRATIVA E REFLEXÃO SOBRE O/A PROFESSOR/A HOMOSSEXUAL | |
| Isabella Marques de Oliveira; Denise Maria Botelho; Agilcélia Carvalho dos Santos. | |
| DOI 10.22533/at.ed.4901916019 | |
| CAPÍTULO 10 | 116 |
| A SEXUALIDADE MASCULINA SOB A ÓTICA DAS ESCRITAS LATRINÁRIAS. | |
| José Edson da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.49019160110 | |
| CAPÍTULO 11 | 125 |
| CONSTRUÇÃO DO CORPO MASCULINO: RELAÇÕES COM AÇÕES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS | |
| Daniele Machado Pereira Rocha Maria Thereza Ávila Dantas Coelho | |
| DOI 10.22533/at.ed.49019160111 | |
| CAPÍTULO 12 | 133 |
| IDENTIDADE E IMAGENS DA MARCA RIO: UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO DO “GAY FRIENDLY” NA IDENTIDADE DA MARCA RIO E SUA CONCRETIZAÇÃO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS MUNICIPAIS. | |
| Patrícia Cerqueira Reis | |
| DOI 10.22533/at.ed.49019160112 | |
| CAPÍTULO 13 | 142 |
| O MODO DE VIDA GAY COMO ESTETIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA | |
| José Nilton Conserva de Arruda Marianne Sousa Barbosa | |
| DOI 10.22533/at.ed.49019160113 | |
| CAPÍTULO 14 | 155 |
| TRAJETÓRIAS DE GAYS NEGROS NA ESCOLA DA ZONA RURAL: PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS | |
| Marcos Andrade Alves dos Santos José Kasio Barbosa da Silva Renata Queiroz Maranhão Antônio Jefferson Teixeira Sousa Juliana Brito Cavalcante Assencio Daniele Gruska Benevides Prata | |
| DOI 10.22533/at.ed.49019160114 | |
| CAPÍTULO 15 | 169 |
| UM ESPELHO CONTRA ESPELHO: A DISPOSIÇÃO INATA DA NATURA | |
| Jobson Rios dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.49019160115 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 16 | 177 |
| REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES MASTECTOMIZADAS SOBRE SEXUALIDADE | |
| Michelle Araújo Moreira Ana Beatriz Santana de Araújo | |
| DOI 10.22533/at.ed.49019160116 | |
| CAPÍTULO 17 | 189 |
| PERCEPÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA PARA OS JOVENS: REVISÃO SISTEMÁTICA | |
| Paula Orchiucci Miura Estefane Firmino de Oliveira Lima Maria Marques Marinho Peronico Pedrosa Ellen Borges Tenorio Galdino Kedma Augusto Martiniano Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.49019160117 | |
| CAPÍTULO 18 | 203 |
| LIDERANÇAS FEMININAS RURAIS: CONHECIMENTO E ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS NO TERRITÓRIO DO AGRESTE MERIDIONAL DE PERNAMBUCO | |
| Gáudia Maria Costa Leite Pereira Xenusa Pereira Nunes Victor Pereira de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.49019160118 | |
| CAPÍTULO 19 | 212 |
| MULHERES CINEASTAS, FEMINISMO NEGRO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS: EXPERIÊNCIAS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA | |
| Lucas Leal | |
| DOI 10.22533/at.ed.49019160119 | |
| CAPÍTULO 20 | 230 |
| “VESTIDO NUEVO” – REFLETINDO SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO A PARTIR DE UM CURTA METRAGEM | |
| Sílvia Rita Magalhães de Olinda Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes | |
| DOI 10.22533/at.ed.49019160120 | |
| CAPÍTULO 21 | 240 |
| ESCANTEIO: MULHERES QUE TROCAM O ROSA CULTURAL PELO PRETO DA TRADIÇÃO - O CAMPO DA ARBITRAGEM EM FUTEBOL | |
| Ineildes Calheiro Eduardo David Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.49019160121 | |
| CAPÍTULO 22 | 256 |
| ESTRUTURA DA REPRESENTAÇÃO DA(S) TRANSEXUALIDADE(S) POR MULHERES (TRANSEXUAIS) | |
| Carle Porcino Jeane Freitas de Oliveira Maria Thereza Ávila Dantas Coelho Dejeane de Oliveira Silva Cleuma Sueli Santos Suto | |
| DOI 10.22533/at.ed.49019160122 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 23 | 266 |
| UMA APRECIÇÃO DO COMPORTAMENTO DE CONSUMO METROSSEXUAL EM SETORES DA ECONOMIA CRIATIVA | |
| Daniel Kamlot | |
| DOI 10.22533/at.ed.49019160123 | |
| CAPÍTULO 24 | 277 |
| FAZER-SE RAINHA MIRIM NUMA FESTA DE CAMINHONEIROS: SOBRE (DES)PRATICAR NORMAS DE GÊNERO NUM CONCURSO DE BELEZA | |
| Marcos Ribeiro de Melo | |
| Michele de Freitas Faria de Vasconcelos | |
| DOI 10.22533/at.ed.49019160124 | |
| CAPÍTULO 25 | 289 |
| GÊNERO E SEXUALIDADES: INVESTIGANDO A CONCEPÇÃO DE PSICÓLOGAS(OS) | |
| Rayane Ribas Martuchi | |
| Ticiane Paiva de Vasconcelos | |
| DOI 10.22533/at.ed.49019160125 | |
| CAPÍTULO 26 | 302 |
| REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO DE GÊNERO NA PSICOLOGIA: UM CAMINHO A SE PERCORRER NA GRADUAÇÃO? | |
| Lara Araújo Roseira Cannone | |
| Raissa Lé Vilasboas Alves | |
| DOI 10.22533/at.ed.49019160126 | |
| SOBRE A ORGANIZADORA | 310 |

TRAJETÓRIAS DE GAYS NEGROS NA ESCOLA DA ZONA RURAL: PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS

Marcos Andrade Alves dos Santos

Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação de Itapipoca/FACEDI
Itapipoca – Ceará

José Kasio Barbosa da Silva

Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação de Itapipoca/FACEDI
Itapipoca – Ceará

Renata Queiroz Maranhão

Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós Graduação em Sociologia
Fortaleza – Ceará

Antônio Jefferson Teixeira Sousa

Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação de Itapipoca/FACEDI
Itapipoca – Ceará

Juliana Brito Cavalcante Assencio

Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação de Itapipoca/FACEDI
Itapipoca – Ceará

Daniele Gruska Benevides Prata

Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas
Fortaleza – Ceará

aos binarismos de gênero e de sexo. Ao analisar a trajetória de estudantes homossexuais negros egressos de uma escola rural do Litoral Oeste do Ceará, objetivamos compreender quais tensões marcam as trajetórias destes sujeitos na escola rural, e quais estratégias estes indivíduos elaboram quando desejam viver publicamente suas identidades sexuais e de gênero. Esta pesquisa qualitativa foi desenvolvida mediante realização de entrevistas semi-estruturadas, a partir do trabalho de campo construímos um estudo de caso, de acordo com o contexto pesquisado. Esta pesquisa reflete que a organização social nas escolas rurais acontece em função da diferenciação sexual e de gênero. Esta organização hierarquiza sexualidades, conferindo um lugar privilegiado à heterossexualidade enquanto ocupa-se em precarizar e diminuir politicamente a homossexualidade. As trajetórias dos sujeitos investigados recuperam tensões características à vida gay na escola, embora aqui destaquemos experiências na escola rural. Estas demarcam um campo fértil de pesquisa, a homossexualidade nas escolas de zona rural, e à medida que esta problemática é cruzada com os dados produzidos sobre preconceito nestas escolas percebe-se a urgência de construir políticas públicas em Direitos Humanos para serem desenvolvidas nas realidades em que se encontram. Os homossexuais pesquisados

RESUMO: Trabalhando a partir do endosso da escola à heteronormatividade, compreendemos que o espaço escolar – especificamente em contextos rurais – pode ser um ambiente violento para as subjetividades e corpos que transgridem

mostraram que na emergência da homofobia e do sexismo reinventam suas identidades, construindo alianças com outros grupos diminuídos e assim minimizam os efeitos da violência homofóbica.

PALAVRAS-CHAVE: Heteronormatividade; Escolas rurais; Gays negros; Homofobia;

ABSTRACT: Working from school endorsement to hetero-normativity, we understand that school space - specifically in rural contexts - can be a violent environment for subjectivities and bodies that transgress gender and gender binarisms. In analyzing the trajectory of homosexual Afro- descendant students from a rural school in the West Coast of Ceará, we aim to understand the tensions that characterize the trajectories of these subjects in the rural school, and what strategies these individuals elaborate when they wish to live their sexual and gender identities publicly. This qualitative research was developed through semi-structured interviews, based on the work field, we constructed a case study, according to the context researched. This research reflects that social organization in rural schools happens due to the sexual and gender differentiation. This organization hierarchizes sexualities, giving a privileged place to heterosexuality while occupying itself in precarious and politically diminishing homosexuality. The trajectories of the investigated subjects recover characteristic tensions to the gay life in the school, although here we highlight experiences in the rural school. They point to a fertile field of research, homosexuality in rural schools, and as this problem is crossed with the data produced on prejudice in these schools we can see the urgency of constructing public policies in Human Rights to be developed in the realities in that meet. Homosexuals surveyed have shown that in the emergence of homophobia and sexism, they reinvent their identities, building alliances with other, diminished groups and thereby minimizing the effects of homophobic violence.

KEYWORDS: Hetero-normativity; Rural schools; Afro-descendant gays; Homophobia;

1 | INTRODUÇÃO

A sexualidade se tornou uma preocupação central da agenda contemporânea. A tensão é construída da seguinte forma: de um lado, Movimentos LGBTs organizados questionam, com sua aparição pública, a heteronormatividade da sociedade ocidental, propondo formas mais plurais para vivência da sexualidade e dos gêneros, muitas vezes pautados em ideias provenientes dos estudos *queers* que voltam sua crítica à heteronormatividade compulsória, hegemônica nas práticas sociais diversas. No outro lado, a tradição cultural heteronormativa reativa seus discursos e combate expressões da cultura gay, acirrando a luta com esses grupos homossexuais e teóricos. Ressalta-se que tais ideias podem até mesmo circular dentro de espaços culturais de gays e lésbicas, onde se procura assimilar modos de ser mais próximos dos padrões sexuais e de gênero heteronormativos, sendo abjetados aqueles que dele se afastam (MISKOLCI, 2013).

No tocante a construção de Políticas Públicas para LGBTs, os movimentos sociais

têm participado das decisões nos orçamentos participativos e nas deliberações sobre direitos humanos, reposicionando a lógica democrática para aquela que entende que as decisões públicas não são mais cabíveis apenas do ponto de vista da eleição de representantes, mas que as organizações da sociedade civil e movimentos sociais devem (e têm) participado ativamente deste processo.

Neste cenário importa compreender que a escola é um ambiente importante para formação dos sujeitos na sociedade, podendo gerar tensões para quem foge do padrão hegemônico da sexualidade, pois como discute Junqueira (2012), nesta instituição cultivam-se valores e práticas heteronormativas.

Na escola, aprendemos os principais códigos que nortearão nossa ação social, aprendemos a linguagem formal, a manejar a escrita, o discurso, mas a escola também educa gestos. Esta educação implica na identificação e assimilação de determinadas referências sociais que são aceitas, construindo preconceitos contra os que escapam aos esquemas de gêneros e sexualidades.

Em suas reflexões sobre sua trajetória escolar e os processos identitários que esteve submetida na escola, Louro (2005) afirma que na escola aprendemos mais que os saberes que constituem as disciplinas. Para ela aprendemos fundamentalmente a construir identidades sociais, especialmente as sexuais e de gênero. Essa compreensão requer uma reflexão sobre os processos escolares que atuam na construção desta aprendizagem. A escola é uma projeção da sociedade, mantendo um alinhamento com os valores e normas que são aceitos na cultura.

Se a maioria dos estudos sobre gênero e sexualidade aponta que vivemos em uma sociedade que compreende a heterossexualidade como ponto de partida da existência e padrão a ser forjado (PRADO E MACHADO, 2012; MISKOLCI, 2013), logo temos uma escola que, para Junqueira (2012, p. 4), é um espaço “obstinado na produção, reprodução e atualização dos parâmetros da heteronormatividade”.

Ao lançar o olhar para as situações cotidianas da escola percebemos que a organização das tarefas volta-se para uma distribuição binária dos sexos e dos gêneros, garantido que os corpos se ajustem a heterossexualidade compulsória. A incorporação destas normas sexuais e de gênero implica na socialização de processos que estruturam as possibilidades de cada corpo e compõem as subjetividades (BUTLER, 2017). Assim apenas o masculino e o feminino são dados como possibilidades de identificação para os corpos, sendo constituído, cada um desses lados, como opostos e complementares um ao outro.

Trabalhando a partir do endosso da escola à heteronormatividade, compreendemos que o espaço escolar – de modo mais específico o que se constrói em contextos rurais – pode ser um ambiente violento para as subjetividades e corpos que transgridem as classificações binárias de gênero e de sexo. A semelhante conclusão chega o Relatório da Unesco (2013) sobre o bullying homofóbico, o qual apresenta dados relevantes sobre a violência que marca os não heterossexuais nas escolas do mundo. O relatório aponta que, no Brasil 40% dos homens gays disseram ter sido vítimas de agressão

física na escola.

Refletindo sobre tais problemas inerentes à vida não heterossexual, este trabalho surge da necessidade de contribuir para fortalecer a parca literatura que existe do tema quando associado a ruralidade, e principalmente ao sair do armário na escola de zona rural. Os dados coletados muitas vezes vão de encontro com as experiências pessoais dos pesquisadores, pois parte deles é de jovens homossexuais de zona rural. Este aspecto influencia a escolha do objeto de pesquisa e do lugar pesquisado.

Ao analisar a trajetória de estudantes homossexuais negros egressos de uma escola rural do Litoral Oeste do Ceará, objetivamos compreender quais tensões marcam as trajetórias destes sujeitos na escola rural, e quais estratégias estes indivíduos elaboram quando desejam viver publicamente suas identidades sexuais e de gênero.

2 | METODOLOGIA

Esta pesquisa possui abordagem qualitativa, e foi desenvolvida mediante a realização de entrevistas semi-estruturadas com sujeitos gays e negros egressos de uma escola rural situada no litoral Oeste do Ceará.

A pesquisa qualitativa se distingue por trabalhar com questões muito específicas e de natureza não quantificável. Nas palavras de Minayo (2001, p. 21/22) compreendemos que este tipo de abordagem trabalha com um universo de “significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

É neste sentido que a pesquisa de cunho qualitativo requer a prática do olhar minucioso do pesquisador, inserindo-o no contexto pesquisado, buscando recuperar os sentidos e os processos sutis que de outro modo não poderiam ser captados, pois neste tipo de pesquisa entende-se que não é possível “compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações” (GODOY, 1995, p. 7).

O trabalho de campo desta pesquisa consistiu em duas entrevistas semi-estruturadas individuais e uma em grupo com os sujeitos investigados. Também foi realizado levantamento bibliográfico, a fim de conhecer o que a literatura apresenta sobre o tema, destacando a pouca produção acadêmica acerca da intersecção de homossexualidade em áreas rurais. O estudo bibliográfico ocorre através da análise de material já produzido por outros autores (GIL, 2008). Neto (2001, p 51) argumenta que “a pesquisa bibliográfica coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse”, ou seja, permite visualizar caminhos traçados por outros investigadores e organizar um universo para pesquisa pela confrontação dos dados coletados com os da literatura sobre o tema, contribuindo para a refutação de hipóteses ou sua confirmação.

Além do mais, como pensa Bourdieu (2008) ele serve para diminuir a diferença do universo simbólico existente entre o pesquisador e o pesquisado, quando este primeiro passa a ter consciência dos fatores aos quais estão submetidos os últimos. O encurtamento dessa distância facilita a prática eficaz da entrevista semi-estruturada já que contribui para que o entrevistador seja capaz de estabelecer uma escuta ativa e empática do sujeito que fala, aprofundando de modo sábio, as respostas que lhes são fornecidas.

A entrevista semi-estruturada, para May (2004) caracteriza-se pelo seu “caráter aberto”, porém focalizado. Ainda que o entrevistado possa falar livremente sobre o assunto, Gil (2008) explica que o pesquisador não pode perder o foco, esforçando-se para fazer a retomada do tema original caso o sujeito se distancie dele.

Realizamos duas entrevistas de cerca de duas horas com cada sujeito e nelas foram trabalhados temas referentes às suas experiências com a Homossexualidade na escola rural. A entrevista semi-estruturada é uma ferramenta que possibilita a interação continuada entre o entrevistador e o entrevistado, porém o primeiro possui objetivos bem definidos na interação, por isso o foco é mantido mesmo que outros assuntos venham a se somar.

A partir dos dados coletados, construímos um estudo de caso, pois no contexto específico desta pesquisa as questões dos homossexuais nas escolas rurais podem ser melhores compreendidas “mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado” (MARTINS, 2008, p. 11). Nestas configurações, o estudo de caso possibilita-nos “a penetração em uma realidade social, não conseguida plenamente por um levantamento amostral e avaliação exclusivamente quantitativa” (idem).

De acordo com Yin (2005, p.32) “o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real”. Portanto, mergulhamos na realidade dos sujeitos estudados procurando encontrar suas especificidades e seus modos de ação quando se trata de sua sexualidade homoerótica em contextos rurais.

Os sujeitos que fazem parte desta pesquisa são três jovens gays, negros e pobres egressos de uma escola rural localizada no Litoral Oeste do Ceará. Estes tiveram seus discursos transcritos, uma vez que se destacam como pessoas dispostas a participarem do estudo. Num distrito de zona rural, com cerca de 13.000 habitantes, onde é possível observar uma diversidade de pessoas homossexuais, contamos com uma amostra de 3 sujeitos, pelo fato de terem ensino médio completo e narrarem suas experiências a partir da autoafirmação como gays e negros.

A principal dificuldade da pesquisa foi encontrar pessoas gays que se afirmassem negras. Os jovens aqui pesquisados desenvolvem diferentes modos para socializarem sua sexualidade e expressarem afetividade, de modo que na escola sofreram muitos problemas de inserção nas atividades comuns do cotidiano. São jovens que possuem práticas religiosas distintas, mas que sentem o peso da tradição religiosa cristã do pequeno distrito onde vivem. Embora sintam necessidade de falar sobre suas

experiências, damos nomes fictícios a eles como forma de preservar suas identidades, também ocultamos o nome da cidade para que não sejam alvo de reconhecimento público.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

É parca a produção científica que pesquisa a temática LGBT em contextos rurais. Gontijo (2015) ressalta que mesmo na consolidação de pesquisas que tomem a ruralidade como objeto de análise, pouco se investigou sobre gênero e sexualidade nestes contextos. O autor explica que na constituição de um campo de estudos sobre homossexualidade no Brasil, ainda assim a pesquisa volta-se quase sempre para a “(homo)sexualidade masculina e urbana” (GONTIJO, 2015, p.146).

Essa dificuldade de deslocar a problemática homossexual para os contextos rurais podem ser compreendida ao olharmos a homossexualidade sob a ótica da urbanidade. Talvez a facilidade se deva ao fato de que na cidade que se encontram melhores possibilidades de se experimentar a sexualidade homoerótica, pois o anonimato, a cultura pluralizada, as mídias de comunicação, e outras linhas de fuga, contribuem para afrouxar o regime de vigilância dos corpos. Por isso, diz Eribon (2008) que a cidade sempre foi um refúgio para os homossexuais.

Quando a homossexualidade é pesquisada nas zonas rurais, como aqui, encontra-se a dificuldade de chegar até os sujeitos gays e perguntar-lhes sobre suas experiências, uma vez que no interior, suas sexualidades constroem-se como transgressoras à “norma” e fortemente marcadas por experiências de encobrimento e dissimulação.

Entretanto, frente ao crescimento e expansão da internet e das redes sociais no meio rural e o conhecimento de outras possibilidades vividas nestes meios, muitos jovens têm empreendido processos de afirmação de suas sexualidades que divergem dos padrões hegemônicos de normalidade. Isto não significa, porém que encontrem sucesso ou que superem definitivamente o preconceito, antes aponta que estão mudando os espaços rurais e enfrentando a tradição patriarcal e heteronormativa.

Os dados coletados nesta pesquisa apontam para uma diferenciação sexual e de gênero nas escolas de zonas rurais. Esta organização hierarquiza sexualidades, confere um lugar privilegiado à heterossexualidade enquanto ocupa-se em precarizar e diminuir politicamente a homossexualidade (PRADO E MACHADO, 2012). Esta relação funda uma desigualdade que acompanha toda a experiência homossexual, a qual é inerente aos processos de inferiorização e subordinação social cumpridos pelo preconceito social contra pessoas LGBTs.

Noutro ponto, os indivíduos deste estudo caracterizam um quadro em que confirmam o empreendimento de Sedgwick (1985) e Borrillo (2010) que afirmam a articulação entre a homofobia e o sexismo. Os esforços dos autores demonstram que estes regimes de diferenciação trabalham conjuntamente na produção de uma

sociedade marcada pela desigualdade entre raças, classes, sexos, gêneros e orientação sexual. Não se pode esquecer que o acúmulo de marcadores (interseccionalidade) se constitui num elemento importante na forma como os sujeitos encontram seus lugares em instituições sociais diversas.

Os estudos de Davis (2017, p.49) mostram claramente que “se nós não compreendermos da violência sexual como mediada pela violência e poder raciais, classistas e governamentais, não poderemos ter esperança de desenvolver estratégias que nos permitam um dia purgar nossa sociedade da violência opressiva”. Davis (2016) trabalha especificamente com mulheres negras e esta citação terminaria com palavra misóginia. Em seus livros, embora não ausente, ela não considera analiticamente as violências relacionadas com a orientação sexual.

Porém, não podemos deixar de notar que a sexualidade e a raça constituem dois marcadores contributivos de exclusão social, podendo usar sua lógica de pensamento – sobre o acúmulo de marcadores como intensificador da violência – para refletir sobre a intensificação da opressão a que estão submetidos homens gays e negros. Oliveira (2007) acrescenta ainda a esta lista aspectos referentes à orientação sexual. Para a autora é imprescindível estar atento a intersecção entre dois ou mais eixos de subordinação, tais como classe, raça, gênero e orientação sexual.

A próxima seção facilitará a compreensão dos discursos dos participantes desta pesquisa. Tratamos analiticamente das experiências consideradas mais importantes para os objetivos deste artigo.

3.1 HOMOSSEXUALIDADES NA ESCOLA: ARMÁRIOS E RESISTÊNCIAS NA ZONA RURAL

O sujeito é uma construção social forjado nas e pelas relações sociais. Dentro deste complexo, entendemos que “o gênero participa, portanto, do processo de construção do sujeito, da mesma forma que a raça/etnia e a classe social” (SAFIOTTI, 1995, p.37). Isso significa que os sujeitos homossexuais se constroem no entrecruzamento de muitas tensões – relações de poder – relativas a estes marcadores sociais, que são estruturantes em suas relações de sociabilidade.

Geralmente os gays entrevistados nesta pesquisa respondem que suas experiências de vida são condicionadas às pressões pela masculinidade hegemônica da zona rural, isto é, pelo distanciamento de quaisquer expressões de feminilidade e de homossexualidade (JUNQUEIRA, 2012). Durante as entrevistas, Nicholas atribui à família um valor expressivo para a forma como se construiu, fazendo um paralelo entre sua vida familiar e sua vida social escolar, pois segundo seu entendimento, a família rural interfere nos conteúdos da escola.

Se, como defende Safiotti (1995) e outros autores construcionistas (WEEKS, 2000), os sujeitos são as histórias de suas relações sociais, Nicholas apresenta que

as relações de poder na família, na escola e na sociedade rural a qual pertence, tiveram papéis relevantes para que hoje pudesse se afirmar homossexual como ato de resistência. Ele apresenta a família rural da seguinte maneira: “[...] aqui são pessoas que vieram de família muito arcaica, gente, tipo eu sou cabra da peste, eu sou macho, eu sou da roça, e isso é um dos motivos do qual eles praticavam muito a homofobia” (Nicholas).

Esta definição colabora para visualizarmos duas posições frequentes nos estudos sobre homossexualidade. A primeira é que vivemos numa sociedade em que o sexo, os gêneros, as sexualidades, as identidades (de classe, de raça, de etnia, de gênero, sexual) são modeladas por um complexo de relações de poder, incluindo o heteronormativo (WEEKS, 2000, PRADO E MACHADO, 2012, SEDGWICK, 2007). Neste regime a perspectiva é a de construção de gêneros dicotômicos e complementares, o que implica numa educação pautada pela assimilação de papéis sociais específicos para o homem e para a mulher. Assim Lessa (2012) assinala que a família monogâmica é o solo histórico onde se desenvolvem os indivíduos “masculinos” e “femininos”.

Junqueira (2012) reflete que o processo de construção do sujeito masculino na escola passa necessariamente pela negação da feminilidade e da homossexualidade. Esse processo, que nas palavras de Louro (2000) se reconhece como “Pedagogia da sexualidade”, materializa-se nos corpos dos indivíduos numa sequência em que se investe na heterossexualidade como finalidade supostamente “natural”.

Porém, este processo não tem nada de natural, ele se ancora nos procedimentos curriculares e pedagógicos que têm lugar na escola, partindo das referências sociais que são construídas no âmbito da cultura para as feminilidades e masculinidades, compreendidas na lógica heteronormativa simplesmente por “feminino” e “masculino”. No entanto, os processos que engendram corpos normais não ocorrem sem a resistência dos sujeitos. Pois ainda que o poder atue na modelagem dos corpos aos padrões de normalidade, certos corpos escapam para brechas e passam a ocupar “não lugares” vivendo suas experiências de forma precária, porém resistente (BUTLER, 2017).

A segunda posição refletida neste estudo remete-se ao fato de que as relações sociais, conforme adverte Sedgwick (2007) são reguladas pelo armário gay. Este dispositivo marca a vida dos homossexuais e daqueles que não se adequam as exigências heteronormativas de gênero e sexualidade, exercendo efeitos ainda sobre os privilégios heterossexuais. Tal dispositivo, conforme nos diz Oliveira (2007) é parte do jogo de escolha entre esconder ou revelar a orientação de uma sexualidade homoerótica.

Embora Sedwick (2007) afirme que o armário não é uma experiência passível de ser vivenciada a partir de raça, Oliveira (2007), de modo diferente, acredita que o embranquecimento da população (mestiçagem) e as possibilidades de ocultamento dos caracteres raciais o estende também a autodeclaração sobre negritude.

Ao tratar seriamente o problema da hostilidade contra os homossexuais através

de sua interseção com outros preconceitos – xenofobia, racismo, violências de gênero, classe – Borrillo (2010) apresenta evidências de que a homofobia se enraíza na sociedade por meio de complexos processos. Borrillo (2010, p. 17) sugere que a homofobia “se exprime na vida cotidiana, por injúrias e por insultos, mas aparece também nos textos de professores e de especialistas no decorrer de debates públicos”.

Entretanto, o ponto mais instigante é que a homofobia é tratada por Borrillo (2010) como algo familiar, até mesmo consensual, sendo assim, a família viceja condições para a gênese e expansão do discurso homofóbico. Para Raul “*Isso também vem da questão familiar, muitos pais educam seus filhos de uma forma muito rígida, muito preconceituosa [...] a sexualidade, elas (as famílias) reprimem, que é o caso de muitos pais*”.

A homofobia e o Sexismo, presentificadas em muitas falas dos entrevistados, confirmam empiricamente que estes preconceitos estão vinculados às instituições sociais do meio rural, atuando na manutenção de padrões de gênero e de sexualidade e respondendo pelas técnicas de vigilância, de silenciamento, de exclusão, da desumanização e abjeção das subjetividades que lutam pelo direito à diferença (JUNQUEIRA, 2012; SAFIOTTI, 1995).

Não se pode esquecer também que a hostilidade do cristianismo a tais sujeitos é fundamental para a organização de uma sociedade homofóbica. Grande parte das pressões conservadoras exercidas na escola, que culminam no não enfrentamento público, mas na invisibilização e negligência de práticas de violência contra homossexuais e mulheres pode ter relação com a articulação entre a igreja e a família patriarcal e monogâmica (LESSA, 2012) tradicionalmente instituídas.

Para os entrevistados, ser homossexual na escola rural representa uma transgressão em relação à ordem das coisas instituídas. Nesse sentido, Raul (nome fictício) e Tony (nome fictício) dizem que ocultavam suas sexualidades, reprimindo gestos e ações que pudesse denunciá-los: “*questão da orientação... da minha sexualidade, eu reprimia muito*” (Raul) e “*era mais reservado, tinha medo, tinha aquele medo, não queria*” (Tony).

Este tipo de estratégia de encobrimento cumpre a função principal de garantir ao indivíduo estigmatizado à posição de suposta normalidade pelos benefícios associados a esta. Porém, Goffman (1988) sugere que mesmo que alguém possa encobrir socialmente um estigma, esse poderá a ser revelado no trato das relações mais íntimas. É o que acontecia com nossos entrevistados que revelavam sua homossexualidade para suas amigas quando se sentiam seguros, com as quais constituíam alianças no sentido de conseguir inserção e proteção na escola.

A construção destas alianças marca as experiências dos três entrevistados no interior das escolas: “*na escola de zona rural eu sempre andava com as meninas, isso meio que me esquivava dos ataques*” (Raul) e “*elas sempre me defenderam, o que somos, principalmente os gays afeminados somos o alvo do preconceito*”. (Nicholas). Estas alianças se constroem na tensão do ambiente escolar rural, onde os

homossexuais ocupam uma posição precária na hierarquia sexual instituída.

Deste modo, as alianças que surgem da revelação gay, do sair do armário, surgem da necessidade de assegurarem um salvo conduto mediante ao preconceito instaurado na instituição escolar do interior. Desta forma, tanto a ocultação de suas sexualidades quanto a violência homofóbica que paira sobre a cabeça dos não heterossexuais, constituem-se em experiências que constroem um perfil homossexual rural marcado pelo estigma e pela injúria (ERIBON, 2008).

Recentes pesquisas brasileiras apresentam um quadro tensionado pelas relações de preconceito e de discriminação nas escolas de zona rural; segundo pesquisa da FIPE (2009) em parceria com o MEC, os níveis de preconceito são maiores entre os alunos nas escolas de zona rural. As questões étnico-raciais (29%) e as de gênero (43%) concentram juntas (72%) da taxa de preconceito, apresentando diferenças com os níveis analisados em escolas de zonas urbanas.

Na escola da capital urbana, com o reconhecimento público da homossexualidade, os alunos entrevistados “demonstram maior conhecimento da ocorrência de situações de bullying em que as vítimas são homossexuais (12%) do que alunos de escolas urbanas do interior (10%) e de escolas rurais (8%) (FIPE, 2009). Esse dado, certamente apresenta um quadro em que é perceptível a invisibilização e o silenciamento das homossexualidades nas escolas rurais.

Os sujeitos desta pesquisa confirmaram com suas experiências estes dados, porém destacando que em suas trajetórias foram muito mais afetados pela violência de gênero do que pela raça. No entanto, a cor de sua pele, ou seja, o fato de serem negros, diz um deles *“muda o olhar das pessoas em relação a nós”* (Raul). Nesta linha, o relatório da FIPE (2009) aponta que o preconceito e discriminação quando direcionados a uma área da diversidade, em geral, não ocorre de maneira isolada.

Assim, o relatório aponta que “o preconceito em relação a um determinado aspecto da diversidade vem, em geral, acompanhado de preconceitos similares em relação aos outros aspectos pesquisados” (FIPE, 2009, p. 352). Neste sentido complexifica-se a construção dos preconceitos, sendo que os principais alvos costumam serem os pobres, negros e homossexuais. Quando o sujeito é atravessado por estes marcadores, então pode-se imaginar que seu cotidiano se torna violento, sobretudo nas periferias e zonas rurais.

Ao apresentarem o problema da homofobia na escola, os sujeitos entrevistados resgatam instantes de violência. Embora os Organismos Internacionais dos Direitos Humanos recomendem que a homofobia seja problematizada na escola na pauta dos Direitos Humanos, conforme sugere o relatório da UNESCO (2013) e também que ela seja trabalhada como tema transversal dentro do que preconiza os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) ainda existem muitos desafios para esta tarefa.

Um destes desafios, segundo a UNESCO (2013), é fazer, na condição de uma permanente ação política, com que estas discussões cheguem à formação dos professores e ao trabalho com toda a comunidade escolar (principalmente os pais) a

fim de gerarem atitudes concretas para a superação do preconceito homofóbico.

Na zona rural estudada, as instituições sociais se desenvolvem fortemente influenciadas pela igreja local e pela religiosidade popular, o que fundamenta estilos de vida construídos a partir dos preconceitos repassados pela instituição de natureza disciplinar (FOUCAULT, 1987).

Ao viverem numa realidade escolar e comunitária hostil, que diminuía sua cidadania e conseqüentemente seus direitos, os indivíduos desta pesquisa assinalaram que ao terminarem sua escolaridade de ensino médio, puderam empreender processos de afirmação de suas sexualidades. Amparados pelas relações sociais que construíram com outros sujeitos homossexuais, na praça da matriz, puderam melhor pensar sobre suas sexualidades.

A praça pública da zona rural investigada, que na verdade é o pátio externo da igreja Matriz da cidade, a qual torna-se local de encontro da religiosidade para a retomada dos valores tradicionais da família. Porém, depois de saírem da escola, os sujeitos desta pesquisa ensejam aparições públicas na praça como estratégias de resistências, revelando suas sexualidades e outros modos de vida que desafiam os padrões legitimados.

Nicholas diz: “[nos] reunimos e a gente trata muito esses assuntos, tanto pessoais como é a gente trata esses assuntos como homofobia, essas coisas, mais relacionadas como lidar e como conviver com o preconceito”. Cabe destacar que estas novas possibilidades de resistência engloba diálogos em dialetos gays, dançinhas, exposição explícita de suas preferências sexuais – o que produz constantemente o borramento das fronteiras de gênero e sexuais.

No que toca a escola rural, quando surgiam situações de preconceito, há a concordância entre os sujeitos que “*Essas questões nem chegaram a gestão da escola, que é uma coisa que acontece muito, pois os próprios alunos têm medo de bater de frente com o professor*” (Raul). Este dado remete ao cotidiano de silenciamento dos gays na escola (SANTOS et al. 2016), que dissimula o preconceito, pois como afirma Junqueira (2012), este tem sua entrada franqueada e permitida na escola, pois a mesma o cultiva, ensina, e reproduz.

Esta negligência contribui para tornar ainda mais difícil a permanência de LGBTs na instituição escolar. Ao pensarmos sobre essa negligência nos termos de Butler (2017) veremos que ela se configura num ato criminoso, pelo qual o estado se torna criminoso quando falha em proteger esses sujeitos. Revela ainda que aqueles que escapam as expectativas são postos à margem das preocupações escolares, sendo nas palavras de Bento (2011) submetidos a processos de expulsão da escola.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As trajetórias dos sujeitos gays e negros desta pesquisa recuperam tensões que são características da vida de gays na escola, embora aqui falem especificamente

de suas experiências na escola rural. Tensões que revelam as relações de poder que constroem gêneros e sexualidades heteronormativos, no bojo de instituições tradicionais através de engrenagens intrincadas de violências.

Apar de suas posições precárias na hierarquia escolar, estes indivíduos manipulam sua identidade na intenção de serem menos afetados pela violência homofóbica: “[...] pois os próprios alunos têm medo de bater de frente com o professor” (Raul). Este esforço nos mostra a posição de precariedade a qual os gays negros rurais estão expostos na escola e na família.

Suas experiências demarcam um campo fértil de pesquisa - a homossexualidade em escolas de zona rural - e à medida que esta problemática é cruzada com os dados produzidos sobre preconceito nas escolas rurais (FIPE, 2009) ocorre o entendimento que é urgente construir políticas públicas em Direitos Humanos para serem desenvolvidas nas realidades rurais – aplicando-as às formações de professores, gestão escolar, comunidade escolar.

Os indivíduos desta pesquisa nos mostraram que na emergência da homofobia e do sexismo inventam outros modos de reinvenção para suas identidades, constroem alianças com outros grupos diminuídos, e assim desativam ou minimizam os efeitos da violência homofóbica (UNESCO, 2013).

Estas alianças, principalmente constituídas com as mulheres, estabelecem uma cultura onde a convivência entre grupos é agenciada por suas trajetórias marcadas pelo precariedade e violência. As mulheres são vítimas de uma histórica dominação masculina da cultura ocidental e como apresenta Bourdieu (2002) possuem um status social inferior ao do homem e uma exposição diferencial à violência. Este contexto mantém aproximações com o de sub-cidadania conferida aos homossexuais, que são incluídos periféricamente na sociedade, sendo submetidos ao preconceito e violência social (PRADO E MACHADO, 2012).

No conflito e na ruptura, são as redes de solidariedade que sustentam o modo de vida não heterossexual nas escolas rurais. É preciso ainda pensar sobre o modo de atuação da escola frente aos preconceitos, a discriminação e como esta atuação pode ser modificada para gerar uma cultura de paz e solidariedade entre todos os seus personagens, quando as diferenças de classe, de raça, de etnia, de credo, de gênero, de orientação sexual estruturam e aprofundam desigualdades.

REFERÊNCIAS

BENTO, B. **Na escola se aprende que a diferença faz diferença**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, maio-ago. 2011.

BORRILLO, D. **Homofobia história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**; Tradução Maria Helena Kuhner. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

- BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**; 7 ed. – Petrópolis: Vozes, 2008.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais Vol. 10.5 – Orientação Sexual/ Secretaria de Educação Fundamental** – Brasília: MEC/SEF. 1998.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J. **O parentesco é sempre tido como heterossexual?** Tradução: Valter Arcanjo da Ponte; Revisão: Plínio Dentzien. Cadernos pagu (21) 2003.
- BUTLER, J. **Alianças queer e política anti-guerra**. Tradução de Kaciano Barbosa Gadelha. BAGOAS, n. 16, 2017, p. 29-49
- DAVIS, A. **Mulheres, classe e raça** São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIS, A. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FIPE, MEC, INEP, **Relatório Final do Projeto de estudos sobre ações discriminatórias no ambiente escolar**. São Paulo, 2009. Disponível em portal.mec.gov.br/documentos/relatoriofinal.pdf. Acesso em 09 de ago. 2018.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social** – 6. Ed. – SÃO Paulo: Atlas, 2008.
- GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.
- GONTIJO, F. S. **Sexualidade e ruralidade no brasil: o que os estudos rurais e os estudos de gênero e sexualidade (não) dizem sobre essa relação?** Revista de Antropologia, n. 45, 2015, p. 145-158.
- JUNQUEIRA, R. D. **Pedagogia do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar**. In: MILSKOLCI, Richard (Org.). *Discursos fora da Ordem: deslocamentos, reinvenções e direitos*. São Paulo: Annablume, 2012.
- LESSA, S. **Abaixo à família monogâmica!** São Paulo : Instituto Lukács, 2012.
- LOURO, G. L. **Pedagogias da Sexualidade**. In LOURO, G, L (org.) *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. (p. 9-34). Belo Horizonte, Autêntica, 2005.
- MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil**. Revista de Contabilidade e Organizações, v. 2, n. 2, Jan./Abr., 2008, p. 9-18.
- MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

- MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- NETO, O. C. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In MINAYO, M. C. de S. (org.) *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- OLIVEIRA, V. M. **Identidades interseccionais e militâncias políticas**. In Grossi, M. Uziel, A. P. e Mello, L. *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2007.
- PRADO, M. A. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade / Marco Aurélio Máximo Prado, Frederico Viana Machado**. -2. Ed- São Paulo: Cortez, 2012.
- SAFIOTTI, H. **Diferença ou Indiferença: Gênero, Raça/Etnia, Classe Social** In: ADORNO, S. **A Sociologia entre a Modernidade e a Contemporaneidade**. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1995.
- SANTOS, M. A. A.; PRATA, D. G. B.; OLIVEIRA, M. C. A. **Pedagogia da opressão no espaço escolar: resgatando memórias de experiências com a homofobia**. In: III CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2016, Natal – RN. Anais III CONEDU, Editora Realize, v. 1, 2016.
- SEDGWICK, E. K. **Between Men**. English Literature and Male Homosocial Desire. New York: Columbia University Press, 1985
- SEDGWICK, E. K. **A Epistemologia do Armário**. In: Cadernos Pagu. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.
- UNESCO, **Resposta do Setor de Educação ao bullying homofóbico**. – Brasília: UNESCO, 2013. 60p.
- WEEKS, J. **O corpo e a sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2ª edição. Belo Horizonte, Autêntica, 2000, p. 24-60.
- YIN. R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed., Porto Alegre: Bookman, 2005.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-049-0



9 788572 470490